

## HISTÓRIAS DE LEITURA: A LEITURA DE PROFESSORAS DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO

*Flávia Brocchetto Ramos\**

*Joseline Tatiana Both\*\**

---

**Resumo:** Este artigo estuda práticas leitoras ocorridas na região do Vale do Rio Pardo(RS), na década de 1960 e atualmente, por professoras que atuaram ou atuam no município de Venâncio Aires. Percebemos que as formas, espaços e momentos em que se realizam as leituras, assim como as obras lidas, entre outros aspectos, podem dizer muito sobre a vida e a cultura de um grupo social. Acreditamos, então, que, ao analisar as práticas leitoras, estamos contribuindo para a história da leitura, da cultura e da vida de uma região e, conseqüentemente, ampliando o debate e as pesquisas relacionadas à história de leitura no País.

**Palavras-chave:** Leitura de professoras. História da leitura. Cultura alemã.

**Abstract:** This article analyses reading practices that happened in the region of the Rio Pardo Valley, Rio Grande do Sul, during the 60s and nowadays, by teachers that worked or are working in the municipality of Venâncio Aires. It is observed that the way, place and time in which the readings took place, as well as the works that have been read, among other aspects, can tell us much about the life and culture of a social group. We believe that, by analyzing these practices, we are making a significant contribution to the history of reading, to the culture and to the life of a region, and consequently, enlarging the debate and research linked to the history of reading in our country.

**Key words:** Teachers' reading practices. History of reading. German culture.

---

\* Professora no Pós-Graduação em Letras da UNISC e no Departamento de Letras da UCS.

\*\* Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Letras, na PUCRS.

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância da leitura na sociedade, buscamos reconstruir práticas leitoras ocorridas na região do Vale do Rio Pardo (RS), na década de 1960 e atualmente. Percebemos que as formas, espaços e momentos em que se realizam as leituras, assim como as obras lidas, entre outros aspectos, podem dizer muito sobre a vida e a cultura de um grupo social. Acreditamos, então, que, ao analisar as práticas leitoras, estamos contribuindo para a história da leitura, da cultura e da vida em nossa região e, conseqüentemente, ampliando o debate e as pesquisas relacionadas à história de leitura no País.

O foco de nossa pesquisa é um grupo de professoras da cidade de Venâncio Aires, município localizado a aproximadamente 130 quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre. A região tem forte influência da cultura germânica, já que grande parte de sua população descende de imigrantes alemães.

É com indivíduos dessa cidade que realizamos uma pesquisa de campo, coletando dados com dois grupos de leitoras: o primeiro formado por professoras que iniciaram suas atividades profissionais na década de 1960; e o segundo, por docentes mais jovens que ainda atuam em sala de aula. Foram ao todo 14 entrevistas, com professoras que atuam em disciplinas distintas. Direcionamos as indagações à leitura nos diferentes momentos da vida das entrevistadas (infância, adolescência, idade adulta e hoje), investigando a função, o modo de ocorrência, a caracterização do impresso e os processos de mediação do ato de ler. Vale ressaltar que as respostas obtidas pelos questionários foram analisadas levando-se em conta as peculiaridades de cada um dos grupos de entrevistadas. Agrupamos as falas acerca de cada tópico da entrevista e efetuamos algumas reflexões, a partir de pressupostos teóricos, em especial de Darnton (1990), Chartier (1996), Fraisse (1997), Lajolo e Zilberman (1996)<sup>1</sup>.

## 2 AS CONCEPÇÕES QUE RONDAM O ATO DE LER

A leitura é concebida de diferentes formas pelas entrevistadas, de acordo com suas funções. Muitas mulheres do primeiro grupo destacam que ela é fonte de prazer, encantamento e fruição. Aquelas que iniciaram seu trabalho como professoras na década de 1960, em sua maioria, demonstram grande interesse por ficção, porque "transmite certa paz" e permite a fuga da realidade, que contém problemas como doenças e perdas.

O acesso ao conhecimento também é destacado por esse grupo de docentes como importante função da leitura, à medida que oportuniza às leitoras manterem-se atualizadas e suprirem algumas necessidades de informação. Destaca-se, neste sentido, o poder de acompanhar as evoluções da ciência e da história através dos textos. Ler implica buscar informações e assim desvendar o novo, o desconhecido. "Ler é descobrir o universo de outras épocas, entrar na história e passá-la adiante". Acrescentam que "o livro é um instrumento que

---

<sup>1</sup> Não há referência explícita a esses estudiosos, mas suas reflexões contribuem para a análise dos dados postos neste artigo.

nos põe em contato com o universo, é insubstituível..." Ou seja, quem lê passa a conhecer diversas histórias e, por consequência, também a sua própria história. Nesse sentido, Jorge Larrosa (2003) ressalta que o homem constitui-se pelas vozes com as quais interage, sendo a literatura uma fonte de formação.

Além disso, algumas entrevistadas apontam para a função social e psicológica da leitura. A interação com o livro, muitas vezes, "cria oportunidade para que a criança e mesmo o adulto elaborem e vivenciem situações emocionais". Elas acreditam também que quem lê apresenta melhores condições de falar e escrever. Quem lê pode "interpretar o mundo" e "consolidar um capital intelectual". A leitura se faz necessária, como forma de pesquisa, para que possam aperfeiçoar conhecimentos relacionados à profissão. Uma das entrevistadas acredita que "o não ler é que poderá trazer consequências negativas às pessoas".

As entrevistadas do segundo grupo concebem a leitura de forma semelhante. Para a maioria delas, o ato de ler assume funções diferentes, de acordo com o material utilizado. O impresso é fonte de prazer e diversão, sendo o livro, de acordo com as respostas, "o melhor amigo do homem". Outras vezes o objetivo é buscar informações, assim a leitura possibilita o acesso ao conhecimento e à cultura. Uma das professoras destaca que "ler é abrir novos horizontes e possibilita viajar no tempo". A leitura também transmite paz e equilíbrio.

Mesmo sem um conhecimento teórico e sistemático sobre as funções da leitura, os sujeitos da pesquisa parecem ter conceitos bem definidos e entender que cada texto tem finalidades específicas, gerando pactos distintos. Há momentos para a leitura que distrai e diverte, há também outros para buscar atualização em relação aos fatos e há ainda aqueles necessários à busca de conhecimentos.

### 3 PRIMEIROS CONTATOS COM A LEITURA

A leitura é uma prática presente na vida das professoras, e os primeiros contatos dos entrevistados com narrativas ocorreram na infância, no seio familiar, na maioria dos casos. As rodas de leitura e/ou audição de histórias foram momentos significativos em muitas famílias da região, mesmo com a escassez de impressos.

De acordo com os sujeitos com mais de 56 anos, pertencentes ao primeiro grupo, muitas vezes, o pai reunia a família em volta do fogão à lenha, ou, então, na sala, e contava histórias. Além dos filhos, freqüentemente os vizinhos participavam desses encontros para conversar e tomar chimarrão. Os protagonistas dos enredos geralmente eram os próprios contadores, falando das peraltices da infância, dos sustos, dos bailes da juventude, entre outros assuntos. Uma das entrevistadas acentua o valor dessas práticas e afirma que, "ouvindo as histórias, sentia-se motivada a contar também suas próprias histórias e, por consequência, a buscar os livros".

Em outras situações, os contadores eram os avós e/ou bisavós, que liam o tradicional *Livro da família*, escrito em língua portuguesa e/ou alemã, e fábulas como "Schneewittchaen" (Branca de Neve). Na zona rural, principalmente, muitas eram as histórias e canções em

língua alemã. Percebemos que, já naquele tempo, a leitura era uma atividade realizada por prazer, ou seja, quando havia tempo disponível, esse era o passatempo escolhido.

Ainda na zona rural, destacavam-se os livros religiosos, já que na década de 50 e 60, muitos meninos do interior de Venâncio Aires iam cedo para o seminário. Eram eles ou os padres que visitavam a região em busca de novos adeptos, que, muitas vezes, assumiam a função de mediadores de leitura. Os seminaristas traziam livros para suas casas, estendendo a cultura letrada aos seus familiares. Escarpit (1969), em pesquisa realizada na França, na década de 40, já apontava o pároco como um mediador de leitura.

Entre os sujeitos da mesma época, mas que moravam na cidade, a leitura era bem presente - parece que liam muito, até pela madrugada, à luz de velas. Pais incentivavam seus filhos, comprando livros e indicando leituras. A língua alemã era valorizada nesse espaço, supervalorizando-se todo escrito nesse idioma. Em outros lares, lendas e histórias do folclore gaúcho também eram objetos de leitura, já na década de 1940. Várias entrevistadas do grupo afirmam que na infância ouviram histórias do Boitatá, anedotas e lendas.

Quando a leitura não acontecia em casa, por falta de incentivo ou até mesmo de condições (não havia acesso a livros e jornais), o contato tinha início apenas na escola, com os textos didáticos e os de caráter religioso. As professoras assumiam, então, o papel de motivar as crianças para a leitura.

No grupo de professoras mais jovens, as quais ainda atuam na profissão, encontramos afirmações semelhantes. Para algumas, o primeiro e, às vezes, o único livro ao qual tinham acesso era a Bíblia. Na zona rural, os pais trabalhavam na lavoura e iam poucas vezes à cidade. Assim, não conseguiam livros a não ser algum material enviado pela igreja.

Há, contudo, relatos enfocando uma infância com livros e histórias. As pessoas dessa faixa etária parecem ter sido privilegiadas pelos recursos com os quais puderam contar, como os livros ilustrados e acompanhados de discos. Muitas afirmaram que ganhavam livros como presente de seus pais e, principalmente, de suas madrinhas e tias. Alguns vendedores que passavam nas escolas e residências foram por algum tempo os principais promotores de leitura, já que não havia livraria na cidade.

Em relação aos contatos iniciais com textos, concluímos que há problemas em relação ao acesso ao livro, principalmente na zona rural, independente do período analisado. As questões financeiras também constituem-se num empecilho para a aquisição de uma maior variedade de textos. Muitas das entrevistadas afirmam que a compra de livros restringia-se às famílias "com mais posses", como a do médico que morava na localidade, por exemplo. Além disso, a maior influência em relação à circulação de textos era exercida pela igreja ou por congregação religiosa ligada às escolas. Uma das entrevistadas deste grupo declarou que, devido a esses fatos, utilizou seu primeiro salário para comprar um livro e um dicionário.

Já para as pessoas que moravam na cidade, o acesso era mais facilitado. Entre os dois grupos, somente duas entrevistadas da zona urbana afirmaram não ter lembrança de alguém ter-lhes contado histórias na infância. Geralmente era o pai ou a mãe que assumia essa função, além de uma entrevistada citar a irmã e outra, a bisavó como contadoras. Entre os textos lidos ou contados oralmente, os clássicos são os mais citados pelos dois grupos.

#### 4 PRIMEIRAS HISTÓRIAS

Os clássicos infantis eram os livros mais presentes na infância, no primeiro grupo de entrevistadas. Os títulos incluíam desde a *Branca de Neve*, contada em língua alemã, *Rapunzel*, *O soldadinho de chumbo*, *O lobo e os sete cabritinhos*, entre outras. As primeiras histórias ouvidas ou lidas ficaram gravadas na memória. Uma das entrevistadas recorda exatamente a sala de aula onde estudava, a voz e os gestos da professora, uma freira, dramatizando o conto de *Chapeuzinho Vermelho* com fantoches, já por volta de 1942.

Já na zona rural se destacavam, principalmente, os textos de caráter religioso ouvidos desde muito cedo. Entre eles, os mais citados foram o *Familier Kalender* (um calendário com dados e informações sobre santos da Igreja Católica), o *Paulus Blatt*, livro com variadas informações, piadas e anedotas, o *Livro da família* e o *Jahrweisskalender*, e a própria Bíblia. Além disso, devido ao fato de a região ter forte influência da colonização alemã, muitos sujeitos do primeiro grupo comentam sobre os “livros proibidos” durante a Segunda Guerra Mundial, por serem escritos em alemão. Os avós escondiam esses textos no porão da casa ou, até mesmo, no paiol, embaixo do feno.

Outras obras citadas por este grupo são *Genoveva*, uma publicação das edições Paulinas, lida para as filhas em português e contada em alemão, e *O tesouro da Juventude*, guardado com cuidado, e ainda hoje utilizado para enfeitar as salas de estar. Também tiveram significativa presença, no que diz respeito às primeiras histórias, os livros didáticos, já que, em casa, outros textos eram escassos. Esses eram utilizados na escola e podiam ser levados para casa, onde eram lidos pela mãe.

Para o segundo grupo, os clássicos infantis também constituíram-se como as principais obras com as quais tiveram contato. Histórias como *Branca de Neve*, *Rapunzel*, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e o pé de feijão*, *João e Maria* aparecem em quase todos os relatos. Além dos religiosos, esses eram os livros que poderiam ser mais facilmente encontrados. Uma das entrevistadas afirma que costumava ganhar contos infantis ao se apresentar declamando poesias num programa de rádio.

Quando no contexto familiar não havia incentivo à leitura, o contato com o livro ocorria na escola, por meio da *Cartilha da Abelhinha*, muito utilizada, na época (1975), na 1ª série do primeiro grau. O livro continha textos curtos e de conteúdo duvidoso. Além disso, nesse grupo também é considerável a presença dos livros religiosos, sobretudo entre as entrevistadas que moravam no interior do município. A Bíblia era leitura freqüente. O *Livro da família* também é citado por duas professoras. Entre os livros recebidos como presente aparecem, além de alguns clássicos, o catecismo, a Bíblia infantil e os livros de oração.

Há muita semelhança entre os relatos de ambos os grupos em relação às primeiras histórias. Os clássicos são os mais lidos e ouvidos nos dois grupos, seguidos dos textos religiosos. Aliás, podemos afirmar que, no primeiro grupo, os livros religiosos são bastante citados tanto nos relatos das professoras que moravam na zona urbana quanto nos da que viviam na zona rural. No segundo grupo, esses materiais aparecem com mais freqüência nas lembranças das mulheres que moravam na zona rural. De modo geral, percebemos que as

primeiras histórias foram ouvidas no ambiente familiar e a escola não aparece como um espaço promotor de leitura.

## 5 O PAPEL DA ESCOLA

A escola é ou deveria ser, por natureza, um local de difusão da leitura, e os professores exerceriam o papel de mediadores entre os textos e os alunos. Por vezes, o que acontece é que a escola não possui recursos para tal ou, ainda, não considera a leitura, com e para os alunos, recurso fundamental para o desenvolvimento de habilidades e competências.

De acordo com os relatos do primeiro grupo, a prática de contar histórias fazia-se presente na pré-escola, quando a mestra dramatizava alguma fábula. Várias mulheres estudaram na única escola particular que havia na cidade e partilham essas experiências. Lá elas tinham a oportunidade de retirar livros na biblioteca para ler em casa. Uma senhora do grupo afirma que a freqüência à biblioteca e a possibilidade de escolher os livros, de acordo com seu interesse, sem restrições impostas pela sua professora, fizeram com que a vontade de ler fosse desenvolvida. Também nas escolas públicas, as práticas ocorriam na pré-escola.

A partir das séries iniciais do ensino fundamental, percebemos que se tornam menos freqüentes os movimentos de interação com a literatura, como ocorre até hoje. Não há quase lembranças de audição de histórias nas séries iniciais do ensino fundamental, exceto algumas veiculadas no livro didático, contadas no final da aula ou, eventualmente, alguma fábula, cujo conteúdo doutrinário era focado.

As questões sobre leitura tornam a aparecer mais tarde, por volta da quarta série, com as já conhecidas fichas de leitura, atividade que aparenta não ter agradado às entrevistadas, pela obrigatoriedade e por, muitas vezes, abordar textos que não correspondiam aos seus interesses. Outra atividade era decorar partes de livros. Também era enfatizada a leitura em voz alta, com a entonação adequada.

Segundo as entrevistadas, durante o ginásio, havia pouco tempo para a leitura; somente um horário livre era destinado à prática, depois do almoço, nos colégios internos. No Ensino Médio, a leitura era uma obrigação e não uma fonte de prazer ou de conhecimento. Liam Machado de Assis, José de Alencar e outros escritores consagrados com a finalidade de responder a questões elaboradas pelos professores. Poucas iam além dessas leituras, na época.

Para o segundo grupo, a leitura quase não foi incentivada na escola. Seis entre as sete pessoas indagadas cursaram o ensino fundamental em escolas públicas e poucos são os relatos que destacam a leitura ou a audição de histórias como atividades importantes. Algumas recordações apontam para a pré-escola, quando a professora lia clássicos infantis. Coincidência ou não, esses sujeitos voltam a citar alguns momentos de leitura somente após a 4ª série do ensino fundamental, quando apareceram as fichas de leitura. Para esse grupo, a biblioteca da escola foi o lugar que mais propiciou a interação com textos. Da biblioteca, provinham os livros para ler no ambiente familiar.

No Ensino Médio, no curso de magistério, a leitura também foi limitada. De acordo com os dados coletados, restringia-se aos livros de literatura cobrados em fichas de leitura. O currículo priorizava algumas leituras para a formação religiosa das alunas e muita cópia de textos. Algumas declaram que, como a leitura era obrigatória e somente incentivada para a realização dos trabalhos, copiavam resumos de livros e entregavam aos professores.

Em relação ao papel que a escola desempenhou para a formação das leitoras dos dois grupos, algumas reflexões fazem-se necessárias. O incentivo à leitura parece ter ficado muito aquém do esperado. Poucas são as recordações de professoras e/ou aulas que motivaram a busca pelos livros. Essas limitam-se à pré-escola e a algumas experiências isoladas após a 4ª série do Ensino Fundamental. Quanto às séries iniciais, causa-nos estranheza o fato de não haver lembranças de práticas ligadas à leitura pelas pesquisadas. Há até quem aponta os livros didáticos como os únicos lidos naquele período. Além disso, em ambos os grupos, a prática da leitura no Ensino Médio foi vinculada a fichas, o que desmotiva as leitoras. Infelizmente constatamos que, exceto em práticas isoladas, a escola não foi um espaço que privilegiou a leitura para nossas entrevistadas.

## 6 ESPAÇOS DE LEITURA

Os espaços em que são realizadas as leituras dizem muito sobre as práticas. Se os livros sugerem esses espaços, podemos afirmar que há momentos ou fases da vida que também acabam por indicá-los.

A infância, por exemplo, elege como espaço privilegiado para leitura, de acordo com os relatos do primeiro grupo, a cozinha, próximo ao fogão à lenha, a sala, ou, ainda, o pátio da casa, espaços que atestam práticas coletivas de leitura. Já na adolescência, a leitura parece assumir a condição de prática mais individualizada e solitária, realizada no quarto ou então na sala de aula, após o almoço. O tipo de texto lido, sem dúvida, é um dos fatores principais para a mudança. Os clássicos infantis são deixados de lado e entram em cena os romances e as fotonovelas.

Na idade adulta não parece ser muito diferente. As entrevistadas afirmam ter um lugar especial para a leitura. A grande maioria lê textos como romances, livros de caráter mais lúdico ou literatura de auto-ajuda, na cama, antes de deitar, e confessa isso não sem certo constrangimento, em virtude da natureza do gênero. Já o jornal pede outro espaço e outro momento, sendo a sala ou a varanda da casa o local para sua leitura, geralmente feita pela manhã.

Os espaços em que ocorrem as leituras são muito semelhantes nos dois grupos. As experiências de leitura na infância, destacadas pelas entrevistadas que continuam trabalhando com educação, aconteciam também em ambientes como a cozinha, o pátio da residência e, às vezes, o quarto das crianças. A partir da adolescência mudam os textos e, assim, os lugares de leitura. Como o lugar deve ser aconchegante e acolhedor, o quarto e, mais precisamente, a cama, aparece como o ambiente mais citado. O sofá da sala, às vezes, localizado próximo à lareira, e o banheiro são citados em três relatos.

Percebemos que esse item de nossa pesquisa constitui-se como um aspecto fundamental para a análise de uma história de leitura. Por mais individual que seja cada interação com o escrito, ela pode ser analisada como uma prática com características gerais semelhantes. Acompanhar as mudanças em relação ao ambiente em que se realizam essas interações e ao mobiliário usado na prática leitora poderia nos levar a uma reconstrução também da história de uma comunidade.

## 7 O QUE SE LÊ

Numa análise acerca das práticas do ler, além de enfocarmos as questões dos espaços de leitura, das concepções que se tem sobre essa atividade, é imprescindível que pensemos um pouco mais sobre o que nossas entrevistadas lêem. Em relação à infância, já abordamos o assunto no tópico *Primeiras histórias*. Quanto à adolescência e à idade adulta, algumas reflexões ainda são necessárias, tendo em vista que as escolhas e as preferências das leitoras dizem muito sobre os momentos e fases pelas quais passam e, assim, podem auxiliar na reconstrução das histórias de leitura.

De acordo com as entrevistadas do primeiro grupo, na adolescência, algumas limitações em relação à leitura foram impostas tanto pela família como pela escola. Há lembrança de textos lidos por prazer e fruição, mas muitos foram leitura obrigatória. José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Jorge Amado, entre outros, eram os autores indicados na escola, para preenchimento das fichas de leitura. Nenhuma das entrevistadas do grupo fala sobre o incentivo e a motivação para a leitura desses textos.

Entre os textos lidos fora do contexto escolar estavam, principalmente, os romances de *M. Delly*, *O tesouro da juventude*, algumas obras de Morris West, como *As sandálias do pescador*. *Genoveva* também é um livro que aparece em dois relatos.

As entrevistadas do primeiro grupo afirmam que suas leituras eram muito censuradas. Uma delas relata que algumas fotonovelas eram proibidas pela família, porém, como as vizinhas possuíam tais revistas, a leitura era realizada em conjunto no quarto. Somente uma professora afirma que comprava fotonovela, como a *Você* e a lia muito, às vezes. Entre as revistas lidas na época também apareceram em todos os relatos a *Seleções* e a *Cruzeiro*. Outras menos citadas foram *Grande Hotel* e *Mocidade*. Todas eram assinadas pela família, e, assim, sua leitura era permitida.

No segundo grupo de entrevistadas, algumas situações se repetem. A leitura era feita, sobretudo, para realização de trabalhos escolares, mas também como busca de prazer e diversão. É importante destacar que, no curso de magistério, eram lidos textos pedagógicos, ligados à didática, e literários, de autores como José de Alencar, Machado de Assis, Érico Veríssimo, entre outros. Essas leituras eram obrigatórias e consideradas cansativas e monótonas.

Já as leituras realizadas livremente pelas professoras eram predominantemente de romances de Danielle Steel, Sydney Sheldon e Janet Dayle. Revistas como *Júlia* e *Sabrina*

foram bastante citadas. Além dessas, duas das entrevistadas desse grupo citam os livros *Heidy* e *Polyana*, retirados na biblioteca escolar.

Na idade adulta, percebemos que a leitura acontece tanto por necessidade de obter conhecimentos, como por prazer e, ainda, de forma significativa, como um meio de encontrar equilíbrio e conhecer-se melhor, de acordo com os relatos de ambos os grupos enfocados. Entre todas as entrevistadas, somente uma afirma não gostar de ler, e não ter paciência para ler um livro integralmente. Todas as demais consideram-se leitoras, algumas assíduas e apaixonadas.

No primeiro grupo, observamos que a leitura está bastante presente na vida adulta, especialmente nesse momento em que a maioria não trabalha fora de casa, a não ser em atividades voluntárias. O material de leitura é diversificado. Percebemos livros de auto-ajuda em praticamente todos os relatos. Além disso, são citadas as biografias, assunto que interessa a esse público.

Livros como *A semente da vitória*, de Nuno Cobra, *O sucesso é ser feliz*, *Os 100 segredos das pessoas felizes* e *Olhe além de si mesmo* são muito citados, além de alguns espíritos, como *Violetas na janela*. Os textos com tendência à auto-ajuda circulam bastante entre amigas: uma indica à outra, e assim sucessivamente. A leitura da Bíblia é muito apontada por esse grupo, bem como outros livros de caráter religioso, como, por exemplo, *As cem melhores parábolas* e *Jesus de Nazaré*. Duas entrevistadas afirmam ser muito diferente a linguagem nos textos, sendo que a dos livros de auto-ajuda não agrada, por ser menos elaborada, embora todas elas os possuam.

Além do gênero auto-ajuda, as entrevistadas procuram comprar as obras que mais lhes interessam, pois a biblioteca impõe prazos e, além disso, quando o material é próprio, pode-se fazer anotações e tê-lo por perto. Daniel Pennac, nesse sentido, afirma que livros despertam um sentimento de absoluta propriedade (1995, p. 135). Agrada às entrevistadas a possibilidade de escrever no livro, sublinhar e, como muitas vezes a identificação com o objeto é grande, poder folheá-lo por diversas vezes ou relê-lo sem pressa. Uma delas afirma que já comprou mais de um exemplar da mesma obra, pois emprestou textos que não foram devolvidos. Pennac acrescenta que dificilmente alguém devolve um livro do qual tenha gostado muito, o livro passa a ser do leitor.

Voltando ao que se lê, observamos que as entrevistadas indicam muitas obras de Morris West, tais como *Os inocentes úteis*, *A segunda vitória*, *As sandálias do pescador*, *O navegante*, *O advogado do diabo*; de Sydney Sheldon, com *O reverso da medalha*, *Nada dura para sempre*, entre outros. Danielle Steel também é citada por esse grupo. Além disso, aparecem em muitas respostas os livros de Martha Medeiros, como *Trem-bala*, *Divã*; Lya Luft, com *Secreta mirada*, entre outros. A historiadora de Venâncio Aires, Hilda Agnes Hübner Flores, é lembrada por quatro entrevistadas. *Picada Café* e *Memórias de um imigrante boêmio* são as obras da autora que aparecem nos relatos.

Outros autores lidos, que inclusive fazem parte de muitas bibliotecas particulares, são Zélia Gattay, Jorge Amado, Millôr Fernandes, Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar, entre outros. *Olga*, de Fernando Moraes, *Cartas Carl Jung*, *O diário de Anne Frank*, *O pequeno príncipe* e *A casa das sete mulheres* também são indicados

diversas vezes. Em relação à educação, os sujeitos afirmam que atualmente não lêem livros inteiros, e sim, revistas. Aliás, as revistas, para esse grupo, são consideradas interessantes pelo fato de a leitura ser mais rápida. Entre as mencionadas, podemos citar *Veja, Isto É, Família cristã, Mundo jovem e Caras*. Uma das entrevistadas acrescenta que a fase pela qual passa pede que se selecione mais o que ler, já que não há mais tempo para tudo. Então, lê-se aquilo que dá prazer e o que é necessário para se manter informado.

A busca de informações é realizada tanto em revistas como em jornais, como a *Folha do mate, a Gazeta do chimarrão, o Correio do povo* e a *Zero hora*, esta última principalmente nos finais de semana. Uma das entrevistadas desse grupo declara que lê as notícias muitas vezes na *internet* pela facilidade de acesso, mas admite que prefere a leitura no papel, pois o contato parece ser mais direto. Além disso, alguns familiares que sabem do seu gosto pela leitura enviam-lhe, eventualmente, periódicos de diversos lugares, como a *Folha de São Paulo*, entre outros.

Podemos dizer que, para esse grupo, a leitura é considerada um verdadeiro bem. As entrevistadas lêem diariamente, tanto por prazer e fruição como para buscar a atualização e o autoconhecimento. Os livros são, nessa faixa etária, companheiros imprescindíveis.

No segundo grupo, percebemos algumas diferenças importantes em relação ao lido. Os textos teóricos sobre educação têm mais espaço neste grupo que continua trabalhando. São apontadas obras de Paulo Freire, como a *Pedagogia da autonomia*, de Jussara Hoffman, teórica mais ligada à avaliação, e de Celso Vasconcelos, assim como títulos vinculados à educação infantil.

Também nesse grupo, percebemos a predominância dos textos que, de certa forma, são classificados como literatura de auto-ajuda. *A semente da vitória*, de Nuno Cobra, *A arte de ser feliz*, do Dalai Lama, *Inteligência emocional*, *Profecia celestina* são bastante referenciados. Além desses, são apontados alguns livros de Paulo Coelho, como *Verônica decide morrer*, *O alquimista* e *Brida*, embora essa literatura não agrade a todas. A literatura espírita interessa a maioria das pesquisadas.

Os textos literários têm pouco espaço. Uma das entrevistadas afirma que a leitura, atualmente, é dirigida para a busca de informações, necessárias ao trabalho, ao dia-a-dia, ou à reflexão sobre problemas e assuntos ligados à vida e à transcendência, ficando a literatura de lado. A opinião dessa professora caracteriza as respostas obtidas com as demais. Como exceção, uma delas, formada em Letras, afirma reler algumas obras de literatura, como as de Josué Guimarães, José de Alencar, Machado de Assis. Esta diz não gostar da literatura intitulada de auto-ajuda.

Outra pesquisada afirma ler tudo o que está ao seu alcance, desde o jornal velho que vem enrolado em algum produto comprado num bar, até o que se encontra no automóvel. Além disso, demonstra ter outros hábitos bem curiosos: coleciona diversos tipos de textos, receitas, leis, textos que abordam a história do município, poesias, mensagens, entre outros. O momento da leitura do jornal é sagrado para elas. Algumas procuram lê-lo na íntegra, enquanto muitos maridos lêem apenas as manchetes. Vale ressaltar que os jornais citados por esse grupo são os mesmos apontados pelo anterior.

Nossas entrevistadas também afirmam ler revistas, em momentos de descontração e/ou para buscar informações. Na área da educação, mais diretamente, é citada a *Nova Escola*; para informações gerais, a *Veja* e a *Superinteressante*; as revistas *Feng Shui*, *Bom Astral* e *Vida Simples* também são lidas, abordando assuntos direcionados às maneiras de viver melhor.

Na escola onde trabalham, porém, quase não há tempo para a leitura, a não ser em algumas reuniões de formação, nas quais são discutidos textos sobre educação. O tempo, na carga horária, é utilizado para o planejamento das aulas e as leituras teóricas ocorrem fora da escola. Eventualmente, é lido algum texto indicado por uma colega ou exposto nos murais da sala dos professores.

Nesse grupo, é visível a preocupação com a informação, com a leitura teórica e, principalmente, com aquela que objetiva o autoconhecimento. Aí têm espaço os livros de Leonardo Boff, por exemplo, e Rubem Alves. Parece haver uma preocupação, em ambos os grupos, com o bem-estar, o bem viver. Assim, suas leituras encaminham-se para essa direção. Parece-nos que, nessa etapa da vida, as docentes entrevistadas não lêem mais à procura de uma heroína em quem possam se espelhar, mas buscam algo ligado à transcendência.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura tem espaço privilegiado na vida de nossas entrevistadas. A maioria destaca que é uma prática realizada diariamente, com o intuito de buscar informações e atualização, ou ainda como forma de prazer. Além disso, o conhecimento adquirido através dela permite a interação com a sociedade, propiciando a cada indivíduo sentir-se sujeito da história.

Percebemos que as concepções sobre o ato de ler estão mais vinculadas ao lazer ou ao autoconhecimento do que à atividade profissional. São poucos os momentos destinados às reflexões teóricas, especialmente no primeiro grupo. Também observamos que, ao falar em leitura, as pessoas acabam associando o termo aos livros que foram ou estão sendo lidos, esquecendo que está presente também em outras atividades, como ler o enunciado de um exercício ou um texto que será utilizado em sala de aula.

No geral, as práticas leitoras dos sujeitos têm início na infância, com a família, ou, em alguns casos, na escola. As rodas de leitura ou contação de histórias próximas do fogão a lenha, na cozinha ou no chão da sala foram um grande incentivo para a formação das professoras, e as primeiras histórias ouvidas repetem-se nos dois grupos. Os clássicos eram contados, em geral, por aquelas pessoas que não estavam exercendo atividades lucrativas (irmãs ainda jovens, avós e até mesmo as mães), ou então pelos pais, à noite. Os textos religiosos também estavam entre os mais lidos já na infância, principalmente por aquelas entrevistadas que moravam no interior do município. Além disso, é marcante a leitura em língua alemã.

Já os espaços de leitura mudam conforme os textos e a etapa de vida das leitoras. Algumas vezes ele é coletivo e, em outras, solitário. Se, na infância, os textos religiosos e os clássicos infantis são os mais lidos tanto no ambiente familiar como no escolar, na adolescência o romance ganha espaço em casa e, na idade adulta, além de alguns materiais informativos, predominam livros para o autoconhecimento e para a resolução de problemas pessoais. Nessas

duas últimas etapas, os espaços escolhidos são o quarto, predominantemente, ou então o sofá da sala e outros locais aconchegantes e solitários.

Também podemos observar que a escola, espaço que se pensa ser responsável pela promoção da leitura e pelo acesso aos mais diversos tipos de textos, não cumpriu sua função. A biblioteca escolar, algumas vezes, nem sequer é lembrada pelas pesquisadas. Além disso, a abordagem utilizada pela instituição, de modo geral, não foi eficiente na formação do leitor, salvo algumas experiências bem sucedidas na pré-escola. Há uma verdadeira lacuna no que se refere a atividades de leitura da primeira à quarta série. Elas reaparecem como tarefas obrigatórias para o preenchimento de fichas, obviamente, sem despertar o gosto e o prazer de ler, a partir da quinta série. No Ensino Médio, a situação persiste, o que acaba fazendo com que se considere a leitura uma atividade maçante. Prova disso é que muitas entrevistadas declararam ter copiado resumos para entregar aos professores, sem ler os textos indicados.

Apesar desses entraves, a maior parte das docentes, ou seja, treze num grupo de catorze, afirma realizar-se com o ato de ler e procura ou procurou despertar o gosto nos filhos e netos, lendo e contando histórias. Na verdade, essa é uma das formas pelas quais se dá a continuação da sua própria história, seja de leitura, seja de vida. Além dos filhos, a leitura é realizada algumas vezes com o marido, as amigas e os alunos.

Em relação à experiência de leitura com e para os alunos na escola, podemos afirmar que ela assume características diversas, já que as professoras atuam em diferentes áreas. É certo, entretanto, que a leitura integra toda e qualquer área do saber e pode ser utilizada como recurso para se obter conhecimento, além de desenvolver uma série de competências ligadas à expressão oral e escrita.

Nesse sentido, percebemos que há diferenças entre os dois grupos. No primeiro grupo, havia preocupação com a leitura em voz alta. No segundo grupo, de maneira distinta, existe o empenho em motivar a leitura em sala de aula, utilizando variados recursos. Neste grupo há uma preocupação em despertar o gosto pela leitura como uma atividade prazerosa que também oferece informações e conhecimento. O trabalho com a leitura parece ultrapassar o enfoque meramente técnico e mecânico.

Com este estudo, podemos contribuir para delinear as práticas leitoras de algumas professoras da região e, a partir disso, almejamos instigar a reflexão sobre a leitura. Afinal, essas mulheres, com suas singularidades e suas histórias, sendo professoras, são as maiores responsáveis por motivar a leitura. Como profissionais da educação, são elas que têm a importante tarefa de difundir a leitura e despertar o prazer de ler um bom texto. Assim, trabalhar questões sobre a leitura com docentes significa investir na formação de muitos outros leitores. Ainda, se queremos formar leitores, a pesquisa sinaliza para a necessidade de se incentivar a leitura desde cedo, na família e na escola, e, nesta última, utilizando abordagens que evidenciem o caráter lúdico e prazeroso da prática leitora.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cultura, escrita, literatura e história**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Côrrea de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

ESCARPIT, Robert. **Sociologia da literatura**. Lisboa: Arcádia, 1969.

FRAISSE, E.; POMPOUGNAC, J.; POULAIN, M. **Representações e imagens de leitura**. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **O preço da leitura: leis e números por detrás das letras**. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. México: FCE, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.